

## Estudos do léxico da variedade guineense do português a partir da obra de Odete Semedo

Lucas Augusto Cabi \*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-6267-6300>

Alexandre António Timbane\*\*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-2061-9391>

**Resumo:** O estudo de vocabulário é muito fundamental para os estudos linguísticos porque nos permite verificar como a fala/escrita é individual e varia e muda ao longo do tempo. Esta pesquisa visa estudar aspectos léxico-semânticos da obra *Sonéá* de Odete Semedo. Os neologismos léxicos semânticos ocorrem quase em todas as línguas existentes onde se atribui novos significados para uma palavra já existente. Isso acontece quando há necessidade de resignificar a palavra. A escolha desta obra se justifica pelo fato da Semedo ser uma das mais importantes autoras guineenses. Odete Semedo sempre enalteceu a obra selecionada, focando para a arte literária, para as culturas da Guiné-Bissau para além da relevância do kriol na afirmação da identidade guineense. Os textos literários estão em sala de aula, nos manuais escolares carregam essas unidades lexicais apresentadas nesta pesquisa. Infelizmente os dicionários do português de Portugal e do Brasil não atendem as necessidades dos consultantes guineenses. A obra de Semedo (2000) só reforça a ideia de que o português guineense existe e deve ser respeitado por todos. Por outro lado, o vocabulário presente na obra demonstra como léxico da variedade guineense de português carrega elementos peculiares da cultura e das tradições dos diferentes grupos étnicos do país.

**Palavra-chave:** Léxico; Português guineense; Literatura; Odete Semedo

**Abstract:** The study of vocabulary is very fundamental for linguistic studies because it allows us to verify how speech/writing is individual and varies and changes over time. This research aims to study lexical-semantic aspects of the work *Sonéá* by Odete Semedo. Semantic lexical neologisms occur in almost all existing languages where new meanings are attributed to an existing word. This happens when there is a need to reframe the word. The choice of this work is justified by the fact that Semedo is one of the most important Guinean authors. Odete Semedo always praised the selected work, focusing on literary art, on the cultures of Guinea-Bissau, in addition to the relevance of kriol in affirming Guinean identity. Literary texts are in the classroom, in school manuals they carry these lexical units presented in this research. Unfortunately, Portuguese and Brazilian Portuguese dictionaries do not meet the needs of Guinean consultants. The work of Semedo (2000) only reinforces the idea that Guinean Portuguese exists and should be respected by all. On the other hand, the vocabulary present in the work demonstrates how the lexicon of the Guinean variety of Portuguese carries peculiar elements of the culture and traditions of the different ethnic groups in the country.

**Keywords:** Lexicon; Guinean Portuguese; Literature; Odete Semedo

### Introdução

A Guiné-Bissau é um país pequeno em termos de dimensão territorial, porém, grande em cultura, tradições e em mosaico linguístico. Convivem nesse espaço mais de quinze línguas, a maioria, línguas do grupo Oeste-Atlântica e mande (SCANTAMBURLO,

\* Licenciando em Letras e Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras, Campus do Malês, Bahia.

\*\* Pós-Doutorando em Línguas vernáculas na Universidade Federal do Sergipe, no Programa de Pós-Graduação em Letras.

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português (2013). O português é a língua oficial, embora não esteja escrito na “carta magna”, a carta mais importante em qualquer país- a Constituição da República. Talvez tenha sido estratégico por parte dos legisladores pensando na complexidade das línguas existentes no país.

A maioria da população (cerca de 70%, segundo SEMEDO, 2003) utiliza o crioulo como a língua de comunicação entre etnias diferentes, embora cada etnia tenha a sua própria língua. Cada etnia é identificada com uma língua que é utilizada oficialmente pela comunidade. É com ela que se fazem festas, que se pratica os ritos de iniciação, que se fazem cerimônias tradicionais e que se transmite o conhecimento de geração em geração por meio da oralidade. Os contos, as histórias, poesias e as canções são feitas nessas línguas e carregam uma simbologia importante na afirmação da identidade dos membros da comunidade.

As línguas dos grupos étnicos não são minoritárias, mas sim **minorizadas** pela política linguística vigente. Tal como a cultura, não existe uma língua melhor que a outra, não existe uma língua menor ou mais evoluída. Cada língua se desenvolve de acordo com a sociedade que a utiliza. O valor e a potência de uma língua não se calculam com base na quantidade numérica dos falantes. Se a contagem numérica fosse relevante, então, o mandarim (língua da China) seria a língua mais falada (fora do espaço chinês) e mais importante do mundo. A colonização portuguesa que ocorreu na África enquadrava as línguas autóctones numa hierarquia, o que não fazia sentido nas comunidades africanas.

A língua é uma construção social (LABOV, 2008) e carrega em primeiro lugar o DNA das culturas locais. A língua precisa de palavra (s) para a construção de frases e de sentidos. O léxico, embora sendo unidade menor carrega segredos específicos que podem ser interpretados dentro da comunidade de fala. É no léxico onde encontramos a identidade linguística carregada de valores interpretáveis (**memória social**) no seio de cada grupo. Isso ocorre na língua ou nas variedades, tal como se pode observar na variedade brasileira do português: ex. **borracharia, carne de sol, goleiro, mataburro, abacaxi, mandiguação** entre outras unidades lexicais apresentadas no estudo de Santos e Timbane (2020).

Na memória coletiva dos brasileiros, por exemplo, “existe um conjunto de palavras que não ocorre em outras variedades do português. Essa memória coletiva carrega elementos da cultura que se ligam ao meio ambiente como um todo (fauna e flora).” (SANTOS, TIMBANE, 2020, p.81). Desta forma, a memória social é um espaço onde se

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português armazenam os aspectos que ligam a língua e a comunidade, ou melhor, ligam a língua, os costumes e as tradições. Por isso a morte de uma língua é a morte de uma cultura inteira e das representações socioculturais da sua comunidade.

Há línguas extintas em África. Por exemplo, Maho (2009), atualizando a classificação Guthrie cita as línguas guru<sup>bqu</sup> (D302), ngbinda (D303), homa<sup>hom</sup> (D304), nyanga-li nyc (D305), gbati-ri<sup>gti</sup> (D306), mayeka<sup>myc</sup> (307), digo<sup>dig</sup>(E73) como mortas. A culpa da morte dessas línguas é atribuída a ausência de políticas linguísticas revitalizadoras, a falta de vontade política para que essas línguas sejam ensinadas. Ainda persiste o preconceito segundo o qual, as línguas africanas são dialetos e possuem estatuto baixo. As comunidades locais têm mecanismos de revitalização das línguas, o que foi proibido antes durante e depois das independências.

Na Guiné-Bissau se fala português, crioulo (guineense), fula, balanta, mandinga, manjaco, pepel, felupe, beafada, bijagó, mancanha, nalu, banhuns e diolas. Para além destas, há línguas, na Guiné-Bissau se falam línguas da subfamília Oeste-Atlântica, tal como apresenta Scantamburlo (2013, p.22-23):

**Quadro 1:** Grupos de línguas

GRUPO NORTE	LÍNGUA
do Senegal	Fula, Jalofo (Wolof), Serere (Nhominca).
Bak	Balanta de Nhacra, de Fora, Bravos, Naga, Mané; Djola-Felupe, Djola-Baiote; - Manjaco/Mancanha/Pepel
Tanda-Jaad-Nun	Tanda, Conhagui; - Beafada, Padjadinca (Badjaranca); - Banhum, Cobiaiana (Caboiana), Cassanga.
Nalú	Nalú
Grupo Bijagó	Bijagó (Língua falada no Arquipélago homónimo, com diferenças dialectais marcadas, conforme cinco grupos de ilhas: CanhabaqueBubaque, Orango-Uno, Formosa, Caravela-Caraxe, Soga-Ilha das Galinhas).
Grupo Sul	Baga, Landumã, Timenés (ou línguas “Mel”, uma raiz comum que significa “língua”); Mansoanca (ou Mansonca ou Sua), grandes e pequenos: vivem perto de Mansoa e no tempo colonial eram erroneamente denominados também “Cunantes”

**Fonte:** Scantamburlo (2013, p.22-23)

Para além destas, ainda se fala o inglês e o francês que são aprendidas como línguas estrangeiras na escola. Estas línguas estrangeiras visam o contato entre os guineenses e outros povos da região e do mundo, uma vez que essas línguas são utilizadas em todos continentes. Estudos de Cristal (2003) e Sequeira (2005) mostram como o inglês tende a se propagar pelo mundo afora impulsionado pelos Estados Unidos,

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português pela Inglaterra, assim como pelas tecnologias que propalam termos em inglês. O comércio com os países vizinhos é feito em crioulo, porque também é falado no Senegal. Enfim, as fronteiras linguísticas são diferentes das fronteiras geopolíticas. A vida da população local depende das línguas éticas e do crioulo. O português é usado em situações formais da estrutura do Estado, tais como nos tribunais, nas escolas, no atendimento em instituições públicas entre outros.

Esta questão é profunda porque muitos guineenses são obrigados a falar uma língua desconhecida em contextos formais. Significa que os que não estão alfabetizados ficam excluídos e em muitos momentos não usufruem dos seus direitos fundamentais. Por exemplo, como julgar um cidadão numa língua desconhecida? Como interrogar um acusado numa língua que não domina? Como ser atendido condignamente no hospital, se o paciente não conhece a mesma língua do médico.

Estas questões são de fundo e vão ao encontro da **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos** que defende em seu artigo 7º: “Todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções.” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS, 1996). Não é por acaso que o Artigo 12.º da mesma Declaração defende que “No domínio público, todos têm o direito de desenvolver todas as atividades na sua língua, se for a língua própria do território onde residem. No plano pessoal e familiar, todos têm o direito de usar a sua língua”. Significa que, as línguas autóctones faladas na Guiné-Bissau têm legitimidade e capacidade para que sejam utilizadas, mas infelizmente falta a vontade política.

Com relação a oratura, pode-se afirmar que ela é feita em línguas autóctones. Os contos, os provérbios fazem parte das tradições orais dos povos bantu e a sua transmissão é feita de geração em geração por meio da oralidade. Mesmo a literatura (como iremos ver mais adiante) se inspira na oratura. Os trabalhos da escritora Odete Semedo deixam clara a tendência da inclusão das línguas africanas em seus textos. As suas inspirações provêm da oratura e há uma transpasse permanente das línguas locais para o português, que é a língua da sua escrita. As palavras das línguas locais (línguas africanas) transitam para o português mantendo o sentido ou adquirindo um sentido diferente.

O léxico de uma língua é incalculável. Por exemplo, não se sabe qual é quantidade de unidades lexicais existentes na língua portuguesa. O processo neológico torna a língua

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português mais atual e dinâmica, evoluindo à medida que a sociedade evolui. Chamamos atenção ao fato de que a evolução não tem nada a ver com a positivo, nem ao negativo. A evolução ocorre de forma natural e prevista no sistema das línguas. Os neologismos comprovam essa ideia dando a percepção da dinamicidade da língua no tempo e no espaço. É nesse olhar que se pretende entender a presença da variedade guineense de português quais as características léxico-semânticas estão presentes na obra de Odete Semedo? O vocabulário de Semedo tem marcas do português local. Há interferências do crioulo no vocabulário da obra; o vocabulário marca a identidade sociocultural das personagens e do povo da Guiné-Bissau.

A pesquisa visa discutir as características léxico-semânticas na obra de Semedo. Especificamente, a pesquisa visa (i) Definir os conceitos de léxico e vocabulário; (ii) Estabelecer as relações entre o léxico e o significado (semântica) (iii) identificar as características do vocabulário na obra; (iv) caracterizar a obra sob perspectiva da variedade linguística em construção na Guiné-Bissau. A pesquisa é relevante por desperta atenção da necessidade de criar dicionários do português guineense, do crioulo e das diversas línguas africanas que possam ser utilizados em sala de aula.

## 1. Abrindo os estudos do léxico

O estudo do léxico é complexo e acolhe a lexicologia e a lexicografia. A **Lexicologia** é a ciência que dedica ao estudo do léxico. A **lexicografia** é a ciência que se dedica ao estudo da organização e produção de dicionários. As duas ciências mencionados para estudo de léxico, são de grande importância. A Lexicologia tem como objetos básicos para o estudo e análise a palavra categorização lexical e a estruturação do léxico, e a Lexicografia é ciência dos dicionários (BIDERMAN, 2001). A Lexicografia é área de estudos do léxico que se dedica a organização do repertório lexical existente em uma língua, sendo então a responsável pela produção de dicionários, vocabulários e glossários. Os estudos lexicais de uma língua são muito fundamentais para uma sociedade como a Guiné-Bissau, um país com diferentes línguas além do português que é língua oficial, portanto é necessário fazer o estudo do léxico do português falado pelos guineenses.

Vamos começar este estudo definindo o que é léxico de uma língua. De acordo com estudo de Antunes (2012), o léxico de uma língua “pode ser visto como o amplo repertório de palavra de uma língua, ou conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p.27) em cada

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português comunidade linguística existe a necessidade de comunicar, portanto o léxico ajuda na construção de palavras para poder atender as necessidades nas comunidades. De acordo com Correia e Almeida (2012, p.15) o léxico “é o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua”.

Os falantes de uma determinada língua usam as ferramentas da língua de acordo com o local para poder-se comunicar. É difícil encontrar uma pessoa que domina todo léxico que a língua possui, tendo em conta a sua amplitude que torna difícil para um falante conseguir ter o seu domínio. Os falantes sempre criam e continuam a criar o léxico das suas línguas. Biderman (2001) mostra como o homem desenvolveu estratégia de associar palavras aos conceitos. Ao nomear qualquer que seja objeto, animais, ou seja, qualquer elemento que pertence ao seu mundo. O falante tem o seu conceito, quer dizer, ele relaciona o nome conforme o seu mundo por isso, existe essa necessidade de criar para poder comunicar.

Às vezes, podem existir léxicos comuns para as comunidades maiores (léxico geral) que falam a mesma língua, assim também existe léxico particular (léxico específico) para cada país. Existe mais de nove países que têm o português como a língua oficial e essa formação das variedades faz com que haja moçambicanismos, angolanismos, brasileirismo, “guinébissauismo”, etc. Para esse estudo utilizaremos o termo “guinébissauismos” para o português guineense assim, entendemos que como existem as outras variedades com esse sufixo **-ismo**, pode dar o mesmo ao português guineense que são expressões usadas na Guiné-Bissau.

De acordo com Biderman o léxico está em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização (BIDERMAN, 1996, p. 34). O léxico pode ser comum para duas comunidades que falam a mesma língua, mas o significado às vezes pode ser diferente, ou melhor, temos o léxico igual, mas com significados diferentes ou vice-versa. Exemplos:

**Quadro 2:** Palavras do português guineense com sentido diferente no português brasileiro

Português guineense	Português brasileiro	Português guineense	Português brasileiro
bicha	fila	matabicho	dose de bebida alcoólica, aguardente de cana, cachaça <sup>1</sup>
piripiri/malagueta	pimenta	mota-carro	moto-taxi
Chinelo	Sandália/chinelo	boxer	Cueca
toca-toca	pau de arara	Calções, tchakual	Bermuda

**Fonte:** Dados da pesquisa

Esses aspectos de significados do léxico têm a haver com a semântica que vamos estudar mais à adiante. Voltando para o assunto de léxico ainda temos alguns exemplos que ocorre no português guineense e português brasileiro. Por exemplo: a unidade lexical “**mandioca**” ocorre no Brasil e nos restantes países da CPLP. Mas a mesma tem variações no Brasil: “**aipim**” e “**macaxeira**”. Esses nomes são usados em contextos do PB e não ocorrem nas outras variedades, o que mostra como o léxico é mais maleável e se adapta aos contextos socioculturais.

Não existe léxico estável numa língua, mas sim, o léxico varia tal como mostrou Biderman quando afirma que “as categorias léxicas variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos de categorias” (BIDERMAN, 2001, p.14). Toda língua varia e se reparte em variedade ou dialetos atendendo a comunidade que a fala. Esse aspecto não é mau e nem prejudica a língua, pois toda variação está prevista no sistema linguístico. Algumas variedades são prestigiadas outras estigmatizadas, mas tudo faz parte da construção social. Toda língua se liga à cultura e nas práticas sociais e “nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007).

A forma como usamos a língua, a forma como pronunciamos, as curvas melódicas, as entoações fazem com que as pessoas nos reconheçam como pertencentes à comunidade de proveniência e nos identificam como tais (ANTUNES, 2012). Por exemplo, reconhecemos um caipira graças ao seu sotaque, ao seu léxico. De acordo com Picinato (2013), as representações da identificação caipira compreendem associações entre formas de falar e conceitos de valores como ocorre, por exemplo, com o “r caipira” que para alguns falantes está associado à vida rural. Reconhecemos que alguém é guineense ou angolano devido as características fonológicas da sua origem incluindo o vocabulário utilizado. Um guineense ao chegar em Portugal ou no Brasil falará português do seu jeito

<sup>1</sup> Dicionário Houaiss (2009, p.1255)

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português e será imediatamente identificado como não pertencente à comunidade de fala portuguesa ou brasileira. A língua denuncia quem somos, qual é o nosso grau de escolaridade e de onde viemos. A sociolinguística variacionista (ou Teoria da variação ou Sociolinguística laboviana) nos mostra que há impulsos internos e externos da língua que favorecem a variação linguística e que esta se liga a cultura da comunidade que fala essa língua ou variedade.

Com esses fatores podemos dizer que o léxico e a cultura têm uma ligação, e é através dessa ligação que faz com que as pessoas percebem de que somos da comunidade diferente. A cultura influencia na mudança do léxico que nós usamos mesmo pelos falantes do mesmo país como é caso do Brasil, que tem número maior dos estados e em cada um desses estados usa-se léxico específico. Tendo em conta, a cultura ou o mundo que lhes rodeia. Portanto, o conceito do **lexicultura** que é junção de dois itens lexicais que são: **léxico** e **cultura**. Para Timbane (2014, p. 46) a lexicultura é tida como:

o conjunto de itens lexicais que caracterizam e especificam uma determinada comunidade linguística. [...], quando um falante pronuncia uma determinada palavra, nós o identificamos como membro pertencente ao grupo “X” ou “Y”. [...] a lexicultura seria a identidade lexical de um indivíduo ou uma comunidade linguística.

A partir dessa perspectiva, entendemos que existe uma variação do léxico do português falado nos países que fazem parte da CPLP, e todos esses países, cada um possui uma cultura diferente do outro e essa diferença cultural contribui para a variação do léxico. O léxico não pode ser separado da cultura, uma vez que um depende do outro. Em Bissau o meio de transporte urbano que é usado pelos moradores da capital é chamado de **toca-toca (candongga)**, o meio de transporte com esse nome só existe na Guiné-Bissau, em outros países esse meio de transporte é conhecido como “chapa-100 ou tenyes” (em Moçambique), ‘van’ ou ‘pau de arara’ (no Brasil), ‘candongueiro’<sup>2</sup> ou ‘taxi’ (em Angola). Todo esse léxico usado para nomear esse meio de transporte, tem a ver com a cultura de cada povo.

Como mostra Timbane (2014), existe léxico gerais e léxico específicos, chamamos os gerais aqueles que ocorrem em todo espaço lusófono e específicos são aqueles que pertencem uma comunidade específica. Os que ocorrem no geral são fáceis de reconhecer como **mesa, carro, casa**, entre outras e enquanto os específicos são de

---

<sup>2</sup> No Brasil candonga é ação ardilosa, de má-fé; trapaça, enredo; afeto ou louvor enganoso; carinho fingido, candonguice



Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português determinados países **candja**<sup>3</sup>, **bombolom**<sup>4</sup>, **poilão**<sup>5</sup>, **bambaram**<sup>6</sup>, etc. são alguns léxicos específicos que existe na Guiné-Bissau, também cada país tem seus léxicos específicos.

Ainda falando do léxico como conjunto de palavras, Vilela tenta explicar o léxico como o meio que permite a comunicação entre membros da comunidade. Segundo Vilela (1997, p.31), o léxico é “conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si”. Os homens criam a língua ou inventam as palavras de acordo com as suas realidades e culturas. Se o léxico é o conjunto das palavras que permite membros de uma comunidade linguística comunicar, então podemos dizer que as comunidades linguísticas vão ter alguns léxicos que lhes vão diferenciar das outras.

De acordo com Antunes (2012), o léxico varia de uma comunidade de fala para outra. Nem todas as palavras usadas nas comunidades estão dicionarizados, aliás, podemos encontrar uma palavra num dicionário e no outro não vamos encontrar. O português falado na Guiné-Bissau ainda não possui um dicionário escrito para seus falantes, mas não podemos negar a existência dos léxicos do português guineense ou dessa variedade. A Guiné-Bissau é um país multilíngue que tem maioria da sua população que falam línguas étnicas e o guineense (crioulo), portanto é fácil que léxico das línguas étnicas entrasse no português falado na Guiné-Bissau principalmente em Bissau através dos contatos entre as línguas.

## **2. Analisando o vocabulário e o sentido das palavras**

O estudo de vocabulário é muito fundamental para nós nessa pesquisa como estamos a falar do léxico de uma língua, achamos por bem que devemos discutir um pouco sobre o vocabulário das pessoas. É importante distinguir o vocabulário do léxico, que são diferentes, todos são elementos de uma língua, precisamos de um para podemos ter o outro. No estudo de Vilela (1997), diferencia o léxico do vocabulário, o autor concorda com a ideia de que o vocabulário tem o lugar e o tempo determinado que seja ocupado por uma comunidade linguística. E esse mesmo vocabulário difere do léxico porque o léxico é aberto.

Para Correia e Almeida (2012, p.15), vocabulário é “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de

---

<sup>3</sup> quiabo

<sup>4</sup> Instrumento musical quando há lute, morte, quando há choro. Os guineenses chamam o luto de “choro”. Também é usado para informar qualquer acontecimento na tabanca.

<sup>5</sup> Árvore sagrada

<sup>6</sup> Pano ou tecido que as mulheres embalam a criança nas costas para poder se deslocar.

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português todas as palavras que ocorrem de fato nesse discurso”. Uma pessoa pode ter domínio de um vocabulário em certas áreas do saber. Esse vocabulário é terminológico. O vocabulário é recorte do léxico. Toda pessoa possui certo vocabulário para se puder comunicar e com tempo essa pessoa pode aumentar o seu vocabulário com surgimento de novo léxico na comunidade ou na área que a pessoa se dedica a ampliar os seus vocabulários. De acordo com estudo de Biderman, “vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades” (BIDERMAN, 1996, p.32).

É difícil se comunicar em uma língua se não conhecemos o léxico que pertence àquela língua. Primeiramente, todos os falantes precisam conhecer o léxico de uma língua que eles vão apreender para depois comunicar com as pessoas que falam aquela língua. Se chegarmos numa comunidade que fala uma língua diferente da nossa, vamos ter que aprender novas palavras para construir frases, discursos. O léxico é muito fundamental, portanto, é necessário que selecionem as palavras que fazem parte da sua variedade para que possam se comunicar de acordo com a comunidade de fala. A escola se preocupa mais com o ensino da gramática normativa (norma-padrão) exigindo o cumprimento rigoroso das regras da mesma.

Os estudos do léxico não podem ignorar a semântica, que é uma subárea da linguística que se dedica ao estudo do significado. A semântica é um estudo muito importante no campo da linguística, o seu estudo permite nos ter conhecimento das palavras e sentenças, “é o ramo da linguística voltado para a investigação do significado das sentenças” (CANÇADO, 2005, p.16). Através da semântica podemos entender o sentido das palavras que nós temos dentro da língua. O estudo semântico permite interpretar o sentido das palavras, pois ela permite o “estudo do significado de palavras e da interpretação de frases. O significado pode variar segundo variáveis: linguísticas, geográficas e sociais. Por exemplo, uma única palavra pode ter significados diferentes em duas comunidades linguísticas.” (TIMBANE, 2013, p.98).

Podemos considerar seguintes exemplos sobre uma mesma palavra usada em comunidade de línguas diferentes o caso da palavra “**bala**”<sup>7</sup> no Brasil tem dois significados enquanto que na Guiné-Bissau a palavra “**bala**”<sup>8</sup> tem significado diferente do segundo significado utilizado no Brasil. A palavra **rapariga** também, em algumas regiões

---

<sup>7</sup> Qualquer projétil geralmente metálico, de forma esférica ou cilíndrica e caieça oval, próprio para ser disparado por ser uma arma de fogo; pequena guloseima feita de açúcar, amido, essência e corante; jujuba (HOUAISS, 2009, p.245).

<sup>8</sup> Para além de ser “Qualquer projétil geralmente metálico, de forma esférica ou cilíndrica e caieça oval, próprio para ser disparado por ser uma arma de fogo” (HOUAISS, 2009, p.245), também é conhecido como amêndoa.

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português do Brasil tem outro significado diferente das outras variedades e a palavra **pimenta** o seu significado no Brasil é diferente com o de português guineense. Podemos notar uma variação semântica neste caso, mas não só neste caso ainda existem várias variações semânticas entre a língua portuguesa falado nos países da língua oficial portuguesa.

De acordo com Lopes e Rio-Torto (2007, p.22), o significado das palavras “está relacionado com aquilo que elas representam, ou seja com o universo de objectos, de entidades, de propriedades, de situações, de eventos, de acções, de processos e de estados que elas verbalizam. ” Por isso, o conhecimento do significado é fundamental para o entendimento global da mensagem e é a cultura que vai oferecer esse dado. As relações semânticas não se limitam à palavra, mas também à frase e ao discurso. Da mesma forma, Ullmann (1964) sustenta a ideia de que a língua transmite, de modo descontinuo de uma geração para a outra e por isso mesmo, as crianças, precisam o tempo todo, aprender novas palavras, novos significados. Outro elemento importante discutido por Ullmann é o fato de que o significado pode ser impreciso, quer dizer, a “imprecisão do significado é outra fonte de mudanças semânticas” (ULLMANN, 1964, p.404).

Terminamos esta parte sublinhando que uma palavra não fica isolada do significado atribuído pela comunidade de linguística. Os sentidos se ligam à visão do mundo e das tradições da comunidade. Tanto a língua quanto a variedade carregam esses elementos sutis que levam à identificação do pertencimento do falante. É pelas escolhas lexicais e pelos significados que o individuo se identifica e é identificado como pertencente a uma comunidade de fala. Que fique claro que uma comunidade de fala “é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística” (VANIN, 2009, p.148). Desta forma, os membros de uma comunidade de fala não têm de, necessariamente, falar da mesma forma; eles simplesmente compartilham uma série de avaliações sobre a comunidade de fala (VANIN, 2009).

### **3 Relações entre o léxico e gramática**

Segundo Rio-Torto (2006) “léxico e gramática são como que duas faces da mesma realidade, contribuindo de forma complementar para a chamada competência léxico gramatical dos falantes” (RIO-TORTO, 2006, p.1). De acordo com Rio-Torto,

O léxico é aqui encarado como uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais. A gramática compila as regras, as condições e as restrições que presidem ao funcionamento, aos diversos níveis (fonológico, morfológico, sintáctico.

semântico), das unidades sígnicas, consideradas em frase e em texto (RIO-TORTO, 2006, p.2).

A gramática organiza o funcionamento da língua. Antunes (2007) explica que o léxico é um setor da gramática. O léxico é o conjunto de palavras, ou, de termos correntes numa língua enquanto que uma gramática se dedica ao estabelecimento das regras para construir discursos. De acordo com Barreto,

A lexicalização refere-se à adoção de um determinado termo pelo léxico de uma língua, como uma formação usual, constitucionalizada (...) Se a lexicalização se refere à adoção de termos pelo léxico de uma língua, então todos os empréstimos e processos de formação de itens lexicais poderiam ser considerados processos de lexicalização: a composição, a derivação, a elipse, e outros processos.” (BARRETO, 2012, p.408).

No ensino formal, a gramática não deve ser ensinada como “uma camisa de força” (NEVES, 2009). A escola não é o único lugar onde se aprende a gramática. A criança já sai de casa conhecendo uma boa parte dela. A gramática não é a nomenclatura oficial. Há muitas línguas ágrafas no mundo e que não possuem um documento escrito chamado “gramática”. É a gramática que indica como o falante deve se comportar. E uma língua possui muitas gramáticas. Mas a política linguística aceita uma das tantas outras: a gramática normativa, aquela que é obrigatoriamente ensinada pela escola. Ela foi eleita, mas isso não significa que as outras não têm legitimidade dentro da sociedade. Para Vieira (2019), a concepção da língua e gramática deve ser estabelecida por meio de atividades que possam colocar em evidência a “sistematicidade”, a “interatividade” e a “heterogeneidade”. Barreto (2012, p.411) afirma que a lexicalização e a gramaticalização “são consideradas, por vezes, como processos paralelos que operam em diferentes níveis da língua. Ambos os processos envolvem redução fonética, reanálise sintática, desmotivação, fossilização, convencionalização.”

### **3.1 Neologismos léxico-semânticas**

O neologismo é entendido por Almeida e Correia, como uma unidade lexical que numa certa comunidade linguística é sentida como palavra nova, ou seja, uma palavra caída em desuso que são retomadas (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Essa ideia mostra que neologismo é surgimento de novas palavras nas comunidades linguísticas ou as palavras velhas que deixava de ser usada que é retomada e passa a ser como uma palavra nova para a comunidade. A língua sempre está em desenvolvimento, por isso, sempre existem as palavras novas que são usadas pelos seus falantes. De acordo com Correia e Almeida (2012), o neologismo “é uma unidade lexical cuja forma significativa ou cuja relação

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anteriormente anterior do código da língua”. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.23).

Aqui vamos estudar um pouco os neologismos léxico-semânticos numa língua e, vamos tentar saber como ocorre nas línguas. Portanto, para entender os neologismos léxicos-semânticos vamos ter que estudar, ou saber o que é neologismo e o que é a neologia. Correia e Almeida (2012) explicaram que a neologia é entendida como denominação que corresponde dois conceitos distintos, ainda mostraram como são esses conceitos distintos da neologia. De acordo com Almeida e Correia, “A neologia traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos [...] é entendida, ainda, como o estudo (observação, registro, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua” (CORREIA; ALMEIDA, 2012 p.17).

A partir desta citação, entendemos que o neologismo não aparece por acaso na língua, mas ele ajuda na criação das novas palavras da língua e fazer crescer o léxico de toda língua viva. De acordo com Alves (1996), a neologia se refere a todos os fenômenos novos que atinge uma língua. Autora ainda mostra que neologia acompanha o desenvolvimento social, econômico, cultural, tecnológico de uma sociedade, fato que contribui para o enriquecimento do acervo lexical das línguas.

Os neologismos léxicos semânticos ocorrem quase em todas as línguas existentes onde são atribuídos os novos significados a palavra já existente, isso acontece quando houve uma necessidade de resignificar a palavra. Podemos considerar a palavra “militontos” como um neologismo léxico-semântico. É uma palavra usada por ativistas políticos na época das eleições presidências na Guiné-Bissau.

Os empréstimos linguísticos também fazem parte dos neologismos. As palavras vindas de outras línguas às vezes mudam a pronuncia, grafia até o significado pode ser diferente com a da língua de origem. No livro da escritora guineense Odete Costa Semedo, encontramos alguns léxicos do português guineense que ela usou. Esse léxico é usado só no português guineense e pode não ser compreendido porque que não está familiarizado com o português guineense. Alguns desses léxicos são aves, outros são raízes e folhas para tratamento tradicionais, comidas, flores, etc., portanto, não podemos negar o uso desses nomes e tentar procurar no português europeu ou brasileiro. É importante reconhecer esse léxico do português guineense como parte integrante da variedade local do português.

#### **4 Metodologia e análises: léxicos do português guineense**

Para a presente pesquisa vamos utilizar a pesquisa bibliográfica uma vez que se baseia na leitura e análise da obra da escritora guineense Odete Semedo. Na busca de discussões recorreremos as leituras das principais obras que debatem os conceitos de léxico, de semântica, de neologismos e as relações entre as palavras por meio dos processos neológicos. Nesta parte vamos analisar o léxico da obra apontando para as unidades lexicais novas.

Antes de apresentar os dados é fundamental apresentar a autora e a obra selecionada. A escolha desta obra se justifica por ser uma das mais importantes na literatura da Semedo. Odete Semedo sempre enalteceu a obra selecionada, focando para a arte literária, para as culturas da Guiné-Bissau para além da relevância do crioulo na afirmação da identidade guineense. Odete Semedo é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela universidade Nova de Lisboa e doutorada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É uma mulher guerreira, combativa, defensora dos direitos da mulher, tendo assumido diversos cargos nos governos da Guiné-Bissau. Das obras publicadas se destaca: “entre o ser e o amar” (1996), “Histórias e passadas que ouvi contar” (2003), “No fundo do canto” (2007), “Guiné-Bissau: Histórias, sociedade e literatura” (2010), “Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história” (2011).

A obra está dividida em cinco capítulos: o primeiro “os dois amigos” (p.23-30), o segundo, “a morte do filho do regulo Niala” (p.31-58), o terceiro, “Sonéá” (p.59-106), o quarto, “Kunfentu-storia da boa nova” (p.107-122), o quinto, “kristinon matchu” (p.123-144). Trata-se de uma obra rica no conteúdo e na identificação sociolinguística e cultura dos guineenses, tendo tido o privilégio de ter o prefácio de Moema Parente Augel. Já na introdução, a autora deixa claro que procurou trazer marcas de identidade da cultura tradicional do seu povo, para além de nomes próprios e lugares que lembram a realidade local.

Desta forma, a escolha desta obra para estudos do léxico nos parece fundamental porque encontramos rastros da variedade guineense do português que de certo mundo ainda é desconhecida em outros espaços geográficos. Existe uma ideia segundo a qual na Guiné-Bissau se fala português de Portugal. Isso não corresponde verdade porque os contextos sociolinguísticos compartilham para a materialização da variedade local. As influências diretas das línguas africanas no português contribuem para novos sotaques e neologismos de todo tipo que particularizam a variedade. A obra de Semedo é apenas um corpus que vai nos permitir fazer um levantamento lexical que demonstra como a variação

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português lexical está presente na variedade guineense. cremos que dessa forma se pode pensar num futuro próximo refletirmos sobre a necessidade de um dicionário que apresenta unidades léxico-semânticas que são próprias do contexto guineense.

#### **4.1 Léxico proveniente das línguas étnicas na obra de Semedo (2000)**

Aqui existe algumas palavras que são emprestados do crioulo guineense para português e algumas das línguas étnicas:

n keklet= significa planta aquática  
régulo= significa chefe de tabanca (aldeia)  
moransa=significa pequena aldeia  
bolanha= significa arrozal  
badadji= comida cozido com água e sal acompanhado de alguns ingredientes.  
katchu-martel= espécie de pássaro  
poilão= árvore grande típica  
spera= vestuário que as mulheres usam  
lopé= vestuário tradicional que os homens usam  
siti ku liti durmido= olho de palma e leite dormido  
pé de faroba= arvore típica  
padja di pedra= erva medicinal  
Katchu-kaleron= espécie de passarinho  
Tchintchor= espécie de passarinho  
Djamba= ave pequeno  
Kikia= ave  
Pé de sibe= espécie de arvore  
Djambatutu= Ave  
Madronha= erva medicinal  
Kanafistra= erva medicinal  
Blungudjbá= erva medicinal  
Badódós= erva medicinal  
Nhominka= grupo dos pescadores  
Prenhada= grávida  
Malgos= amargo  
Baloba= local sagrado dos animistas  
Serku= casa de banho  
Sikó= dança ao som de instrumento  
Djambadon= estilo de dança  
Abotantes= quotizantes  
barkafon= saco de couro ou palha  
tarsado= catana  
codé= caçula/ irmão mais novo  
soronha= forma pejorativa de chamar uma criança  
lakakon= erva trepadeira  
panu di pinti= pano tradicional  
djambakus= curandeiro  
Iran= espírito protetor dos animistas  
Turpesa= banco redondo baixo  
homem-grande= ancião

mistida= assunto  
Seuró= dança mandinga  
Abota= quotização  
Buk= planta medicinal  
Fanadu= circuncisão

Nas unidades lexicais extraídas de Semedo (2000) observa-se que há uma disputa lexical uma vez que existe palavras do português, algumas do crioulo e outras das línguas bantu. As escolhas do vocabulário da Odete Semedo buscam aproximar o texto aos falantes da variedade local de português. Para muitos guineenses não precisam de glossário porque são capazes de entender todas as unidades lexicais. Estamos seguros que o glossário é mesmo para atender o leitor de outras variedades do português. Esta intenção do “EU” poético sustenta a ideia de que existe a variedade guineense do português que precisa de ser descrito, estudado por forma a que

#### **4.2 Nomes próprios**

O nome é muito importante para quase todas as culturas. A atribuição do nome nas tradições bantu carrega um significado e ritual próprio, o que a torna a mais importante na identificação da etnia e na comunidade de fala. De acordo com Semedo, a questão do nome é complexa nas etnias da Guiné-Bissau.

Esta realidade linguística da Guiné-Bissau vê-se logo que um bebé nasce: às vezes, mesmo antes da sua nascença, a preocupação dos pais é se será menina ou rapaz e qual o nome a dar ao futuro hóspede. Na maioria dos grupos étnicos guineenses a preocupação ou curiosidade é maior em relação ao sexo da criança, porque, no que respeita ao nome do recém-nascido, as circunstâncias em que o bebé nascer, a relação entre os pais da criança, a relação da mãe da criança com as suas rivais – em caso dos casamentos polígamos –, a relação dos pais com a comunidade, é que ditam o nome. Por exemplo, na etnia mandinga, a uma criança desejada, muitas vezes é posto o nome de Meta «aquele(a) que é esperado(a) há muito tempo». 'A criança de cuja saúde todos duvidam porque a mãe teve uma gravidez difícil, mas que no entanto nasceu de boa saúde – e se se surpreender a mãe a olhar longamente para o filho nos primeiros momentos de vida deste –, pode vir a chamar-se Ntinhina, «estou a ver, mas não acredito no que vejo» (SEMEDO, 2003, grifo da autora).

Para Bengui e Timbane (2020), o nome próprio identifica o indivíduo, é único e visa identificar o indivíduo na sua comunidade. Os autores defendem que a atribuição do nome não pode ser feita por qualquer membro da família, mas sim por alguém socioculturalmente reconhecida. Para que o nome vinque é necessário que haja uma cerimônia para informar aos antepassados. O nome pode ser atribuído por influências históricas, políticas ou religiosas, circunstâncias, lugar e tempo de nascimento ou mesmo



Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português em nomes de profissões. Na obra em estudo, Semedo (2000) busca e atribui nomes de seus personagens baseado na experiência sociocultural guineense. Os nomes atribuídos não se distanciam daqueles que são comuns na comunidade do mundo real. Por isso no estudo foi possível conferir a ocorrência real desses nomes na cultura local. O quadro 3 apresenta esses nomes próprios:

**Quadro 3:** Nomes de mulheres e de homens no livro de Odete Semedo (2000)

<b>Nomes dos homens</b>	<b>Nome das mulheres</b>
Aseni	Djanira
Abdu Sonco	Niala
N bul	Djanke
Busnassun	Muskeba
Nantói	Nmisa
Ndjinari/ esse nome pode ser masculino ou feminino.	Níni
Nasiin	Nhalin
Bufetar Ulemp	Djá-nó
Tís	Uilma
	Sonéá

**Fonte:** Dados da pesquisa (SEMEDO, 2000)

Os nomes aqui apresentados têm significados específicos e estão intimamente ligados às tradições dos povos balantas, manjacos, mandingas, dioulas, beafadas, papéis e por aí em diante. O importante a apontar nesta pesquisa é que os nomes próprios são importantes, carregam uma identidade étnica e têm uma função importante na identidade sociocultural dos guineenses. As personagens de Semedo (2000), mesmo que sejam fictícios, também estão investidos dessas qualidades culturais.

#### **4.3. Code-Switching na obra de Odete Semedo**

De acordo com Gumperz, (1982, p. 59, Apud PORTO, 2007, p.2) *Code-Switching* é “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos”. Gumperz analisa o *code-switching* com “às escolhas estilísticas dos monolíngües ao afirmar que esta prática discursiva presente na interação bilíngüe sinaliza informação contextual equivalente ao que, em ambientes monolíngües, é transmitido através da prosódia e outros processos lexicais ou sintáticos” (GUMPERZ, 1982: 59, Apud PORTO, 2007, p.3).

É um fenômeno recorrente e por vezes necessárias para a identidade sociocultural do falante. Em muitos momentos, o falante faz *code-switching* para marcar a sua presença no discurso e demonstrar o pertencimento integrado no grupo social. Porto (2007) dá o seguinte exemplo:

Ex.1: “Sempre que a pessoa volta, eles falam *Oh, my God!* “

(Sempre que a pessoa volta, eles falam Oh, meu Deus!)

A presença da expressão em inglês demonstra que o falante conhece essa língua ou tem contato com essa língua. Às vezes pretende demonstrar que está inserida na cultura dessa língua. De acordo com Soares (s.d.), as ocorrências dos fenômenos linguísticos de *code-switching*, *code-mixing* e transferências configuram-se como estratégias discursivas no ambiente formal de educação bilíngue. Sendo assim, o *code-mixing* deve ser interpretado como uma mistura de unidades linguísticas de dois ou mais sistemas ou subsistemas gramaticais dentro de um mesmo enunciado (SOARES et al., s.d.). O texto de Odete Semedo tem muitos desses casos:

Ex 2. “... só se faz um bom negócio conversando! Podemos falar de sobre o preço *omigarandi*, tudo depende de si ...”(p.27).

Ex. 3: “ ... A tua casa, meu filho, está ameaçada. Alguém está sendo mais astuto do que tu. É *misti djumnau*. Alguma desgraça vai cair sobre ti ou sobre a nossa gente...” (p. 35).

Ex. 4: “... Com quem é que Msurum iria contar? E ele, será que o seu *djorson* iria extinguir-se? E o grande pássaro, teria sido enviado por quem? (p.47).

Ex. 5: “...Como fazer para dar o pontapé de saída, pensava Sonéá preocupada. Mas logo se lembrou dos métodos pronto a usar, *prêt-a-porter*, que ainda trazia bem quentinhos da conferência...” (p.61).

Ex. 6: Cada grupo falava dos seus assuntos, mas notei que os temas iam dar ao mesmo: *ki prasa di nubdadi...Prasa di Deus libran! Nunde ku kabalindadi fasidu kamisa di bisti...* (p.77).

Ex. 7: “...*nha bom mininu, kunfentu* foi ontem, isto que estamos a ver é *turbada*...! (...) tem razão *nha bom garandi*, só *turbada* pode carregar tanto assim...Mas já vou por causa do almoço e como a nossa ...”(p.121).

Estes exemplos mostram como as interferências do kriol, das línguas africanas e do francês interferem na construção de discursos dentro da obra. As personagens pertencem a sociedade guineense. Vivem e estão inseridos na sociedade e procuram se

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português manifestar tal como se expressam no cotidiano. O glossário ajuda para quem não está inserido naquela comunidade de fala. Por isso que a autora coloca o glossário que ajuda na compreensão do sentido. Os *code-switching* ocorrem propositalmente para marcar o território, para informar que “pertence aquela comunidade de fala” para além de marcar a identidade. Estudos sociolinguísticos mostram que a língua ou a variedade é uma marca de identidade. Por meio da fala identificamos a origem do falante, para além de identificar o grupo social a que pertence.

A estratégia do “glossário” é adotada por muitos escritores e editoras para resolver as interferências léxico-semânticas nas obras, tal como se observar na obra de Odete Semedo (2000), Mia Couto (2002) entre várias outras. Semedo (2000), justiça na sua nota inicial, a grafia de algumas unidades lexicais provenientes das línguas fula e manjaco. A autora teve o cuidado de deixar em itálico, a maioria dos estrangeirismos lexicais (neologismos de matriz externa). Essa marcação em itálico chama atenção ao leitor para que se atente ao glossário. Por exemplo: bakia, bolonhas (p.24), fandan (p.25), mafé (p.34), moransa (p.29). Mas há outros neologismos de matriz interna que não foram grifadas com itálico, mas que carregam significados semânticos específicos da variedade guineense do português. Exemplos: homem-grande da tabanka (p.78), poilão (p.79), nbetennecracia (p.122), meio-irmão, prenhas (p.88), cerimónia (p.92), mangueiro (p.94), buliçar (p.104), bailes de seuró, veloquantos (p.108), livresquices (p.110), faustosos, nbetennenses (p.112) entre outras unidades neológicas.

### **Considerações finais**

O contato entre pessoas de diversas nacionalidades e diversos grupos étnicos pode influenciar na variabilidade da língua. O português da Guiné-Bissau resulta desse contato e de interferências que de certo modo atribuem particularidades linguísticas que se distancia do português Europeu. Partimos da ideia de que na Guiné-Bissau não se fala português de Portugal. É extremamente perigoso alimentar a expectativa de que os guineenses falam como em Lisboa, para além de ser preconceituosa. Trata-se de preconceito linguístico discutido com pormenor pelo linguista brasileiro Marcos Bagno.

Se os guineenses não falam como em Lisboa, então o que estariam falando? O português guineense que é uma variedade do português presente em todos os países lusófonos. É preciso compreender que a língua portuguesa falada nas escolas e nos serviços públicos e privados da Guiné-Bissau é diferente com o que é falado em Portugal. Não se trata de falar errado português, mas sim falar diferente, impulsionado pelas

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português variáveis sociais e linguísticas. Os neologismos lexicais são os que mais se evidenciam. É preciso combater a falsa ideia de que os guineenses falam como portugueses. O português guineense precisa de dicionário que possa ser utilizado pelos consulentes de consulta assim como outras variedades de português, porque tem um número significativo do léxico que compõe essa variedade.

Os textos literários estão em sala de aula, nos manuais escolares e carregam essas unidades lexicais apresentadas nesta pesquisa. Infelizmente os dicionários do português de Portugal e do Brasil não atendem as necessidades dos consulentes guineenses. Os corpora utilizados na elaboração dos dicionários portugueses e brasileiros não incluem materiais da variedade guineense do português. Então é tempo de refletir sobre a elaboração de dicionário da variedade local de português.

A obra de Semedo (2000) só reforça a ideia de que o português guineense existe e deve ser respeitado por todos. Por outro lado, o vocabulário presente na obra demonstra como léxico da variedade guineense de português carrega elementos peculiares da cultura e das tradições dos diferentes grupos étnicos do país. A obra fundamenta a ideia de a variedade se liga à cultura dos povos que a fala. Que as palavras só fazem sentido dentro do contexto da língua ou da variedade da comunidade de fala.

## Referências

- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **Alfa**, São Paulo, 28 (Supl), p. 119-126, 1984.
- ANTUNES, Irande. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARRETO, Therezinha. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., (Org). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 407-416.
- BENGUI, Manuel Paulo; TIMBANE, Alexandre António. Os segredos socioculturais por detrás dos nomes da etnia bakongo. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, Vol.50, n.3, p.195-222, fev. 2019.

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Revista Alfa**. Araraquara-SP, vol.40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As Ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.) **as ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS 2001, p.13-22.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

CORREIA, MARGARITA; BARCELLOS ALMEIDA, Glades Maria. **Neologia em português**. São Paulo: parábola, 2012.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. **Semântica: o essencial sobre língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2007.

MAHO, Jouni Filip. **NUGL online: The online version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages**, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009.

PICINATO, Pricila Balan. **O novo caipira: o olhar do eu e do outro**. 2013. 117 f. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), Araraquara, 2013.

PORTO, Renata Sobrino. Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, p.1-22, ago. 2007.

RIO-TORTO, Graça. **O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais**. Coimbra? Ed. FLUC. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos p. 1-20, 2006.

SANTOS, Ivonete da Silva, TIMBANE, Alexandre António. **A identidade linguística brasileira e portuguesa: duas pátrias, uma mesma língua?** Curitiba: Appris, 2020.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense**. (Tese) 2013. 371f. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

SEMEDO, Odete. **A língua e os nomes na Guiné-Bissau**. In: Ciberdúvidas da língua portuguesa. 31 de outubro de 2003. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte->

Lucas A. Cabi, Alexandre A. Timbane, Estudos do léxico da variedade guineense do português [iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/a-lingua-e-os-nomes-na-guine-bissau/109#>](http://iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/a-lingua-e-os-nomes-na-guine-bissau/109#>)Acesso em: 26 mar. 2022.

SEQUEIRA, Sávio. Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n.52, p. 231-256, ago-dez 2015.

SOARES, Mariana Schuchter et.al. A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências linguísticas. **Revista Gatilho**. Vol.15, nº1, 2012.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 318f. tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

TIMBANE, Alexandre António; MANUEL, Cátia. O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? Embate sobre os conceitos. **Revista de Letras Juçara**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 107-126, 2018.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. J. A. Osório Mateus. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.1964.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’. **Acta Scientiarum: Language and Culture**. Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Ensinando a gramática em três eixos: conectivos e conexões de orações. **Anais do II seminário do grupo de pesquisa conectivos e conexão de orações**. v. 1, n. 2. Niterói: Letras da UFF, p. 57-79, 2019.

VILELA, Mário. **O léxico do português**: perspectiva geral, São Paulo: p.31-50 1997.

Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 20/12/2022

**Para citar este texto (ABNT)**: CABI, Lucas Augusto; TIMBANE, Alexandre António. Estudos do léxico da variedade guineense do português a partir da obra de Odete Semedo. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.254-275, dez. 2022.

**Para citar este texto (APA)**: Cabi, Lucas Augusto; Timbane, Alexandre António. (dez.2021). Estudos do léxico da variedade guineense do português a partir da obra de Odete Semedo. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial II): 254-275.